

JORNAL DO BRASIL

Abertura aumentou produtividade

10 OUT 1999

A economia brasileira passou por um processo de abertura nos anos 90 sob um ambiente macroeconômico desfavorável. Mas apesar dessa conjuntura, avalia Maurício Moreira, os ganhos de produtividade foram significativos, as empresas ficaram mais eficientes e estão preparando caminho para que o Brasil, arrumada a casa macroeconômica, tenha mais competitividade.

Tomando como base 49 setores da indústria de transformação, uma amostra que em 1995 respondia por 89% do valor bruto da produção, o economista do BNDES analisa o crescimento dos coeficientes de importação – esperados e desejados. As indústrias que usam mais capital, precisam de mais crédito e gastam mais em tecnologia, foram as que tiveram os maiores ganhos de eficiência. Nesses setores, não por coincidência, concentram-se as empresas estrangeiras, automobilísti-

cas, químicas, de telecomunicações e energia elétrica. As estrangeiras reagiram mais rápido por terem acesso à tecnologia da matriz e a capital mais barato. Já as nacionais sofreram para se reestruturar, amarradas a condições desfavoráveis da economia brasileira, aos juros altos e a taxas de câmbio.

Maurício Moreira examinou a participação das importações sobre o consumo doméstico, de 1989 a 1998. Constatou, por exemplo, que são importados quase 60% do consumo de produtos químicos; dos automóveis, ônibus e caminhões, 18% são feitos de produtos importados. O total dos importados no mercado nacional em 1998 chegou a 19,3%, contra 4,5% em 1989 (ver tabela).

“Os níveis de abertura no país eram soviéticos”, compara o economista, que não considera a marca atual elevada. O Brasil está um pou-

co abaixo dos países industrializados e aparece acima dos Estados Unidos e do Japão. O país estaria mais próximo da Austrália e do Canadá, que têm índices em torno de 20% a 25%.

Destaca que, até 1992, com um quadro de hiperinflação, caos institucional e economia praticamente estagnada, o efeito da liberalização acabou não sendo muito grande. “O Plano Real permitiu que a economia continuasse crescendo, e restabeleceu mecanismos de crédito ao consumidor e mesmo externo”.

A abertura e a entrada de importados começaram a tomar fôlego. “O uso do regime de câmbio potencializou esse impacto”, reconhece. “Ainda assim, não foi o desastre. O câmbio dificultou a concorrência com o importado, mas barateou enormemente a compra de máquinas e a modernização”. (M.P.N.)